

PRÉ-SAL Em defesa do modelo atual

Especialistas debatem regulação e modelos de exploração e concordam que, no que diz respeito ao pré-sal, a melhor política a ser adotada pelo governo é a adaptação do marco regulatório atual. por **Cassiano Viana**



Foto: Geraldo Viola

Da esquerda para direita, Guto Abranches, Sérgio Quintella, deputado Luiz Paulo Vellozo Lucas, senador Aloizio Mercadante, senador Francisco Dornelles, senador Delcídio Amaral, João Carlos de Luca e Carlos Geraldo Langoni.

O Sistema Firjan, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e o Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (IBP) promoveram, no dia 29 de agosto, no Centro de Convenções da Firjan, o seminário 'Os desafios do pré-sal'.

Na abertura do evento, o vice-presidente da Firjan, Carlos Gross, afirmou que o pré-sal é um bilhete premiado, porém, caro para ser recebido, não só pelo ineditismo, mas pelas dificuldades e investimentos tecnológicos, e pelos desafios geopolíticos e de segurança nacional. "Temos de estar atentos a isso. É um debate em que deve prevalecer a lógica, o bom senso e, sobretudo, o respeito aos contratos já acertados", disse.

"É preciso muita reflexão, estudos e extrema competência para a tomada de decisões. Existem desafios de natureza tecnológica,

corporativa, da escolha do modelo e marco regulatórios e de definição da utilização da renda obtida com as reservas, que certamente terão efeito nas finanças públicas", comentou o vice-presidente FGV, Sérgio Quintella.

Para o presidente do IBP, **João Carlos de Luca**, o Governo Federal tem o direito soberano de fazer os ajustes necessários. "Por outro lado, entendemos que ele pode afeirir os mesmos recursos com o atual modelo de concessão, aumentando sua participação sem necessariamente mexer na Lei do Petróleo", avaliou.



"Neste momento, é preciso muita seriedade. Antes de pensar em construir algo, não podemos destruir aquilo que foi conquistado e que permite a presença de bom número de empresas nacionais e internacionais estejam operando e contribuindo para o desenvolvimento do país", afirmou De Luca, acrescentando que os debates do pré-sal não podem também impedir ou adiar a realização das Rodadas de Licitações de Blocos Exploratórios da ANP.

Respeito absoluto aos contratos existentes

"Estabilidade política e econômica são as marcas do Brasil moderno, construídas com muito custo e muita luta. A auto-suficiência é também uma conquista de gerações", disse o secretário de Desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro, **Júlio Bueno**.

Para ele, é fundamental a manutenção dos contratos estabelecidos antes do anúncio das descobertas das reservas no pré-sal. "O Brasil precisa continuar a ser considerado um lugar previsível, de regras claras", disse. "Além disso", afirmou, "é preciso o aumento das participações governamentais, a manutenção das Rodadas da ANP, um instrumento bem sucedido para se descobrir petróleo no Brasil, e reconhecer a Petrobras como o instrumento fundamental para tudo o que presenciemos hoje. O valor da empresa cair nesses últimos dias é um sintoma de que as coisas estão sendo feitas sem prudência", ressaltou.

Para o diretor do Centro de Economia Mundial da FGV, Carlos Geraldo Langoni, o foco principal deve ser maximizar a pesquisa e a produção das descobertas, sendo esta questão tão relevante quanto o que será feito com os recursos gerados pelas reservas, classificadas por ele como riqueza potencial.

Ao enumerar o volume de reservas e de investimentos que serão necessários para a sua viabilidade, Langoni disse que números dessa magnitude são impossíveis de ser viabilizados apenas com recursos públicos. "O debate precisa ter a cara desse novo Brasil, mais pragmático, que fez com que o país fosse premiado com o Grau de Investimento", considerou. "Posturas radicais podem levar à estagnação dos investimentos e uma queda de produção. A descoberta das reservas no pré-sal nada mais é do que um indicativo do sucesso do modelo adotado há dez anos", avaliou. "Não pode haver retrocesso. Não é estratégico para o país alimentar ondas de incertezas e a quebra da confiança no país. Até porque, se

isso acontecer nos contratos da área do petróleo, pode contaminar outros setores fundamentais como o de energia e indústria naval. O modelo atual é suficientemente flexível."

Para o ex-presidente do Banco Central, a descoberta do pré-sal veio na hora certa, no entanto, é fruto do modelo regulatório brasileiro, que a partir de 1998 abriu o mercado a empresas estrangeiras e permitiu que a Petrobras pudesse realizar novos investimentos. "Deus, de fato, é brasileiro. Ele nos deu essa riqueza no momento certo. A economia brasileira é sólida, diversificada e dinâmica. Em outros países o petróleo surgiu em uma fase inicial de crescimento", lembrou.

Durante a palestra 'Modelos mundiais de Exploração e Produção', o consultor da Gaffney, Cline & Associates (GCA), Robert L. George, afirmou que tudo não passa de matemática simples: "O sucesso de um contrato ou modelo consiste em uma regra básica: que ele seja justo para os dois lados: governo e companhias", disse. "Não existe o melhor ou pior tipo de contrato, bem como um modelo específico que garanta maior receita ao governo, isso depende do quanto ele é capaz de produzir, o que, obviamente, depende do nível de recursos humanos e investimentos tecnológicos, por exemplo. Todos os modelos podem atingir os resultados desejados. No entanto, depender de uma única fonte de recursos é matar a galinha dos ovos de ouro", assegurou.

O evento contou também com uma mesa-redonda sobre os desafios regulatórios, de investimentos e de demanda de bens e serviços e um debate com deputados federais e senadores. ■

Otimize

Imagine uma Era onde a manutenção realizada na metade do tempo, com total segurança, tranquilidade e produtividade, seja uma realidade inquestionável.

Você já chegou.

Bem vindo à Era da Otimização.
Bem Vindo à Hytorc.



HYTORC®

Líder Mundial em Tecnologia de Aparafusamento Presente em Todo o Brasil

21 2223-2944
www.hytorc.com.br